

## POR UMA EDUCAÇÃO DA FILOSOFIA



Aristóteles afirmou que é da natureza humana querer conhecer. O ser humano, segundo ele, tem um impulso natural ao conhecimento, e é isso que nos diferencia dos outros animais, pois eles podem sentir cheiro, ouvir, olhar, tocar e sentir o gosto de algo, que são maneiras de conhecer, mas os animais não podem desejar o conhecimento e, nesse caso, não podem amar a sabedoria. Essa

sentença aristotélica nos deixa um pouco perplexos quando pensamos na educação, quando pensamos no fracasso da instituição escolar. Terei uma experiência nova nesse ano, a experiência de dar aula de filosofia, o que me fez pensar sobre algumas questões: Pra que ensinar filosofia? Como ensinar filosofia? Essas questões exigem de mim algumas respostas ainda mais difíceis, respostas às perguntas: O que é filosofia? e, O que é Conhecimento?

Ora, todos sabemos que a palavra filosofia significa "amigo ou amante da sabedoria", ou seja, aquele que tem uma vontade de conhecimento, pois quem ama algo tem vontade desse algo e, usando um termo nietzschiano, é aquele que possui uma vontade de verdade e é consciente disso, pois quem ama tem consciência do seu amor. Essa resposta nos remete a afirmação de Aristóteles, pois se todo humano quer conhecer por natureza, então, todo humano é um filósofo. Filosofia, nesse caso, seria o exercício daquilo que nos é natural: querer conhecer sempre a verdade - ninguém em sã consciência desejaria a mentira, a falsidade ou o engano. Chegamos, com isso, a conclusão de que a filosofia é uma ação, um movimento em busca de algo, o conhecimento de algo, a verdade de algo, por isso, a filosofia não é um fim, mas sempre um meio. No entanto, se for assim, por que os alunos perdem o interesse pelo conhecimento? Será que estamos diante de uma refutação prática da afirmação aristotélica? Ou ainda, será que as minhas divagações não condizem com a realidade? Acho que sim, mas, ainda há ainda uma questão a ser respondida: o que é conhecimento?

Fiz algumas afirmações arbitrárias, não tenho o interesse de chegar aos fins últimos, prefiro dar uma folga àquele surto especulativo que faz o filósofo sempre ir do chão às estrelas; entretanto, dizer que a filosofia é uma ação, um movimento em busca de algo, ou seja, um meio para se chegar a algum lugar, faz nos perguntar sobre qual o fim da filosofia, ou seja, onde ela quer chegar, pois a verdade não é um mero objeto a ser buscado, ela é um mero horizonte especulativo, isto é, um pretexto para o nosso agir no

mundo - a vontade de verdade é o próprio agir filosófico. Nesse caso, o fim da filosofia é a vida prática, e isso, de alguma forma é dito por Kant, quando ele afirma no seu cânone da razão pura que: "quando nos perguntamos sobre a existência de Deus, no fundo queremos responder à pergunta: o que eu deveria fazer caso Deus existisse?"; a verdade, então, seria a ação para um melhor viver, melhor dominar o caos da vida. Posso dizer, com isso, que o conhecimento, a verdade, é sempre algo relacionado com o agir no mundo, isto é, está em relação direta com a vida e a realidade a qual vivemos, por isso, ele, o conhecimento, é um mero conhecer algo, é um mero instrumento.

Talvez algumas das questões que me fiz anteriormente já estejam respondidas, pois se filosofia é um exercício em função de conhecer algo que se relaciona diretamente com o agir no mundo, e, sendo a filosofia o movimento da vontade de verdade, natural de todo o ser humano, por que será que os jovens estão desinteressados pela escola? Eu arrisco uma resposta, acho que o conhecimento passado na escola não tem relação nenhuma com a vida, ou seja, ele não serve para o agir no mundo, se serve, serve para o agir no mundo para poucas pessoas. Acho que essa resposta é trivial demais, há uma questão maior, pois o agir no mundo também não é um fim, as pessoas agem em função de um bem, sem nenhum pudor eu digo que esse bem é a felicidade.

Não estou disposto a definir o que é a felicidade, prefiro pensar no ideal de vida que as pessoas, em sua maioria, tanto sonham, prefiro pensar no sujeito emancipado dessa sociedade, aquele que é independente e abastado financeiramente; prefiro pensar na inteligência e sabedoria que a maioria das pessoas cultuam: um saber sobre qual a melhor maneira de ganhar dinheiro e consumir. Esse é o ideal de vida, aquilo que está diariamente presente em nossas vidas: na televisão, no rádio, no discurso dos professores, nos currículos escolares, nas políticas públicas, etc.

No entanto, pensando na educação, parece que estamos diante de um paradoxo, pois a educação quer formar um sujeito que a sociedade não pode mais comportar, a emancipação à maneira como eu citei acima, não é possível para todos, o conhecimento passado na escola não emancipa mais, e creio que o jovem da escola está muito mais esperto do que a gente, pois ele sabe disso, o seu desinteresse é a sua resistência - claro que não é só isso, não estou disposto a discutir moral aqui, pois nessa perspectiva, diversas controvérsias surgiriam. A sala de aula já não representa o lugar do conhecimento, o jovem exercita o seu pensamento conversando com os colegas no recreio, se integrando em grupos, percebendo a transformação por que passa, ele conhece, tem o seu impulso natural saciado, mas em outro lugar que não a sala de aula com um professor na frente. É triste vermos que crianças ao entrarem na escola passam por uma queda no interesse de

aprender, quanto mais elas aumentam de série, mais aumenta o seu desinteresse na escola, não acham isso estranho? Já não é hora de pensarmos em uma outra educação? Já não é hora de pensarmos uma outra sociedade?

Quando penso em filosofia para o jovem da escola, não penso em refletir com ele sobre como ele deveria agir no mundo, mas como o mundo deveria ser para que ele pudesse agir, pois toda a educação que conforma é castradora. Penso em uma reflexão criadora, pois sendo a filosofia um meio, ela cria-o. Podemos pensar em uma crítica ao mundo, podemos pensar em uma conscientização, mas que seja conscientização acerca da liberdade, aquela que permite, como diz Paulo Freire, a pessoa poder "ser mais". Ensinar filosofia é desaprender muitas coisas, desaprender limites, desaprender regras, desaprender morais, para que após esse desaprendizado, o jovem possa criar, discutir possibilidades com os colegas e ir além desse mundo limitado pelo consumo e pela culpa. A filosofia tem que ser um exercício de esquecimento, para renascer, a partir disso, a possibilidade efetiva do pensamento livre - isto é um sonho, mas faz parte da minha crença em um espírito livre: uma consciência que vê na sua vida a extensão da vida do outro.

Marcos Vinicius da Silva Goulart  
alguemmeprocure@gmail.com

13 de Abril de 2007